



A PESQUISA INTERDISCIPLINAR NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

THE INTERDISCIPLINARY RESEARCH ON INFORMATION SCIENCE

Roberto Vilmar Satur
UFPB

RESUMO

Objetiva refletir sobre aspectos relevantes da interface entre a pesquisa e a característica interdisciplinar da Ciência da Informação e responder se a interdisciplinaridade contribui com a Ciência da Informação ou prejudica seu desenvolvimento como ciência. Metodologicamente, trata-se de um estudo teórico reflexivo, de natureza qualitativa e bibliográfica. A discussão se pauta no pressuposto de que as abordagens devem ser interligadas, visando entender bem mais as reflexões, aprimorá-las e construí-las. Esse tipo de discussão é ainda mais relevante porque a Ciência da Informação é considerada nova e em evolução, e muitos de seus autores receiam refletir sobre a interdisciplinaridade, por considerar que isso dificulta o fortalecimento da identidade da própria Ciência da Informação. Os resultados evidenciam que a interdisciplinaridade ajuda a fortalecer a Ciência em questão, ao proporcionar visibilidade e respeito.

Palavras-chave: Ciência. Interdisciplinaridade. Ciência da Informação. Teoria. Informação.

ABSTRACT

This article seeks to reflect if interdisciplinarity contributes to the Information Science or harms in its development as a science. It aims then to reflect on some important aspects of interdisciplinarity and Information Science and its interface. Methodologically it is a reflective theoretical study, based qualitative studies and literature review. The discussion shall be based on the idea that one should not isolate such approaches but relate them in order to foster better understanding, improvement and construction of reflections. This kind of discussion is even more relevant due to the fact that the Information Science is a new and evolving science. Many of the authors are afraid to reflect upon interdisciplinarity as they consider that it makes more difficult for the Information Science to get its own identity. The results show that, despite some popular belief, interdisciplinarity helps to strengthen the science of information because it gives it a greater visibility and respect from other areas.

Keywords: Science. Interdisciplinarity. Information Science. Theory. Information.

1 INTRODUÇÃO

Surgida, inicialmente, da indagação 'Ao fazer pesquisas interdisciplinares, estamos contribuindo para o crescimento da Ciência da Informação como Ciência ou a estamos enfraquecendo por trabalhar em suas fronteiras, e não, no desenvolvimento do seu chamado núcleo duro central?', a interdisciplinaridade já contribui e pode contribuir mais ainda para o crescimento dessa Ciência e sua visibilidade na sociedade científica. São esses os argumentos que nortearão este trabalho.

A interdisciplinaridade e a Ciência da Informação são abordagens que devem estar interligadas e ser entendidas, refletidas e aprimoradas. A Ciência da Informação é nova, está em plena evolução, mas isso não a diminui nem a proíbe de pensar e agir de forma interdisciplinar. Apesar dos receios apontados por alguns autores, ao admitirem que, quando se esquecem da centralidade teórica da disciplina e focam na interdisciplinaridade, estão passíveis de perder seu foco e que isso faz certo sentido e é pertinente, quer-se demonstrar que a interdisciplinaridade não veio para substituir ou diminuir as disciplinas, mas para engrandecê-las.

Pode-se citar o trabalho original de White e McCain (1998) como um importante precursor dessa preocupação, ao dizer que a Ciência da Informação está parecendo a Austrália, cuja costa é povoada, enquanto que seu interior (área central) tem uma pequena povoação. No ano seguinte, foi a vez de Saracevic (1999) adotar esse apontamento de White e McCain. Posteriormente, outros autores seguiram essa linha. No Brasil, por exemplo, Pinheiro (2006), Souza (2011, 2012) e outros autores também demonstram essa preocupação.

Igualmente, levantamos essa preocupação em uma publicação recente, em que reafirmamos que ela é relevante, mas, ao mesmo tempo, que a interdisciplinaridade de uma Ciência – tanto nova quanto madura – não prejudica sua centralidade nem o desenvolvimento de seu chamado "centro duro" teórico, porém ajuda para que seja vista pelos demais campos científicos. Portanto, são temas e preocupações que correm em paralelo e não são excludentes nem conflitantes, tampouco promovem a guerra e a destruição de um e de outro (SATUR; SOUZA; DUARTE, 2015).

Esta é a ideia central de nossa reflexão: acreditar que, por meio da interdisciplinaridade, a Ciência da Informação tem a possibilidade de fazer parcerias para se fortalecer cientificamente, e não destruir-se, mesmo sendo uma ciência nova. Por

essa razão, o objetivo é refletir sobre os aspectos relevantes da interface entre a pesquisa e a característica interdisciplinar da Ciência da Informação. No que diz respeito à metodologia, trata-se de um estudo teórico reflexivo, de natureza qualitativa e bibliográfica.

2 A CIÊNCIA, A INTERDISCIPLINARIDADE E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Ao se estudar o estágio do conhecimento por meio de pesquisa em uma Ciência, em particular, não só se mensura o assunto focalizado como também se definem estratégias úteis ao saber-fazer-poder daquela Ciência e se contribui para compará-lo com outros ramos do saber científico. Meadows (1999) afirma que há íntima relação entre o crescimento científico e o crescimento econômico das nações, partindo-se da premissa irrefutável de que quem mais produz ciência e tecnologia é quem avança no processo desenvolvimentista global. Logo, deduz-se que as atividades de pesquisa vivem seu apogeu.

Trujillo Ferrari (1982, p. 167) entende que a “pesquisa é uma atividade humana, honesta, cujo propósito é de descobrir respostas para as indagações ou questões significativas que são propostas”. Portanto é um processo contínuo, que envolve a dinâmica da descoberta, por isso está sempre em fase de ampliação, reformulação e comprovação, o que, conseqüentemente, envolve a pesquisa-atividade voltada para formular teorias, modelos e leis.

Como afirma Weick (1995), a teoria e, especialmente, a Ciência ou o campo científico constituem, por si sós, um processo, e não, um produto, cuja construção é demorada, preguiçosa e, muitas vezes, confusa. Mesmo que determinada teoria ou Ciência ainda não esteja madura, sua reflexão, seus desdobramentos, seus questionamentos e seu processamento servem como meio para o próprio desenvolvimento.

Difícilmente uma nova teoria surge como madura. Ela é testada, contestada, aprimorada e reconstruída ao longo do tempo. Teoria é fruto de continuidade. Quanto às respostas que deve dar, é preciso ter claros seu limite, seu nível de evolução e sua ambição, porque a teoria surge para ganhar uma luta, e não, a “batalha toda”. A teoria não precisa ser o derradeiro trunfo da luta, mas um somatório de lutas (teorias) provisórias que vão vencendo uma batalha (problema) por vez (WEICK, 1995).

Quem propõe uma teoria tem a consciência de que ela poderá ser negada algum dia, questionada e testada a todo instante. Existem muitas construções atuais que ainda são teorias parciais, estão evoluindo continuamente, abastecidas com mais informações e desenvolvimentos reflexivos, todavia ainda não estão completas. Por essa razão, existe a teorização, a quase teoria, a não teoria e a teoria falsa. Muitos construtos teóricos se confirmam posteriormente como teoria; muitos não serão completados e ficarão pelo meio do caminho; tantos outros são complementados futuramente por outros teóricos, e muitos serão negados. É o processo da teoria. E por mais que a teoria seja considerada completa, será apenas uma aproximação (WEICK, 1995).

A resistência de alguns cientistas e autoridades das diferentes áreas à interdisciplinaridade faz algum sentido, quando a teoria é jovem, devido à complexidade dos construtos relatados acima. No entanto, muitas vezes, está centrada no receio de perder o espaço, a exclusividade e o poder de determinado campo científico. Como afirma Bourdieu (1983), a Ciência não é neutra nem desinteressada, tampouco são desinteressados ou neutros os cientistas que a promovem. O que as ciências e os cientistas buscam é o interesse pelo reconhecimento, ser ovacionados pelos pares (concorrentes) e não ficar fazendo simplesmente o que eles gostam ou querem. Farão o que repercute, o que dá lucro simbólico. Assim, o campo científico

é o lugar, o espaço do jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificadamente nessa luta é o monopólio da *autoridade científica* definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da *competência científica*, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente. (BOURDIEU, 1983, p. 122).

Quem pensa que a interdisciplinaridade retira essa prerrogativa de "área para agir legalmente" equivoca-se, pois, ao contrário, ela amplia esse horizonte de atuação com novas possibilidades e nuances. No entanto, a interdisciplinaridade incomoda para quem quer, comodamente, ficar apenas numa área permanentemente estática, conhecida e não inovativa. Embora Bourdieu (1983) não declare abertamente essa referência como novos campos interdisciplinares, esse argumento é aplicável, no sentido interdisciplinar.

O caminho interdisciplinar de determinada ciência ou das ciências é fruto da inquietude de seus pesquisadores, insatisfeitos com as respostas internas de sua ciência para questões novas que surgem, ou velhas, que ressurgem com uma nova roupagem. "Há algum tempo, a Ciência vem fazendo caminhos entrelaçados, especialmente no que

se chama de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, visando melhorar o desempenho em relação à busca de respostas convincentes que inquietam os pesquisadores” (SATUR; NEVES; DUARTE, 2015, p.1).

A interdisciplinaridade surgiu, de certa forma, como uma ruptura ao comodismo, ao conformismo e à mesmice das áreas. Como assevera Bourdieu (1983, p. 143), a Ciência “encontra na ruptura contínua o verdadeiro princípio de sua continuidade”. Por isso, para ele, são os novatos na área que têm chances de ser “mais ricos cientificamente”, porquanto, à medida que o tempo passa, os cientistas e os profissionais tendem a se acomodar e a se manter nas áreas já conhecidas, tendem “a se realizar, segundo os padrões regulamentados de uma carreira” e perdem parte importante de sua capacidade de ousar e de inovar.

Esse argumento também é defendido por Kuhn (2007), quando diz que, quando o pesquisador está em início de carreira, tende a dar contribuições mais inovadoras, porque ainda não está armado pela cientificidade da área, não sabe ao certo o que pode ou não pode e vê coisas sobre as realidades e os contextos que as lentes dos mais maduros não conseguem mais ver. Ele pode ver o presente como o não passado, em vez de continuidade do passado, e olhar mais distante, fantasiar mais, negando o que já existe para construir algo novo.

Com a interdisciplinaridade, diversas disciplinas podem dirigir o olhar para determinada informação e/ou conhecimento ao mesmo tempo. Nesse sentido, é importante ressaltar o que afirmam Kobashi e Tálamo (2003) sobre o fato de que cada disciplina deve identificar na informação seu objetivo específico e que “a compreensão não se dá na amplitude do fenômeno geral, que está presente em todos os contextos disciplinares; [...], ela requer a delimitação do contexto específico no qual a informação está sendo vista como valor e produtora de valor” (KOBASHI; TÁLAMO, 2003, p.7). Essa preocupação remete ao fato de que o acesso à informação é um direito global e uma questão de cidadania.

Ao argumentar sobre a interdisciplinaridade, deve-se sempre ter em mente o que afirma Pimenta (2008, p. 63): “A interdisciplinaridade nem sempre é epistemologicamente superior à disciplinaridade, mas apresenta manifestas vantagens explicativas em vários projectos de investigação, contribuindo decisivamente para o progresso científico”. E segue, mais adiante, afirmando que a interdisciplinaridade não é a corrente dominante, pois esta continuará sendo a disciplinaridade, e que, apesar de já

se perceber que a frequência da interdisciplinaridade está sendo recorrente nas ciências, ser ou exercitá-la continua sendo um ato “de rebeldia, uma ruptura da e na reprodução, o desbravar de um novo caminho” (PIMENTA, 2008, p. 73).

Assim,

o conhecimento interdisciplinar não é meramente descritivo, não se apresenta como operacionalização que visa à uniformização e generalização. Ele se constrói como atividade tradutora, fundada em diversas linguagens, sobre um determinado tema. Pressupondo-se que a Ciência da Informação opere com formas sociais de explicitação do conhecimento, produzindo informação circulável, há de se convir que a informação esteja cada vez mais imperceptível porque, apesar do crescimento geométrico da indústria da informação, uma parte somente das atividades informacionais é externalizada. (TÁLAMO; SMIT, 2007, p. 51).

Com um olhar prudente mais amplo nos diversos autores - alguns dos quais citados neste trabalho - pode-se dizer que, de algum modo, a Ciência da Informação já é interdisciplinar. Ela é uma ciência nova, nascida em uma época turbulenta, em que se começa a fazer a transição da Modernidade para a Pós-Modernidade, e quando muitas verdades, inclusive a científica, passam a ser revistas, questionadas e redimensionadas, e as fronteiras demarcadas do conhecimento não existem mais, eles se misturam e formam redes que se entrecruzam. Nesse cenário, mesmo que não se queira, qualquer ciência já nascerá com “um pé” na interdisciplinaridade. É o caso da Ciência da Informação.

Há que se ressaltar que não é a interdisciplinaridade que torna a Ciência da Informação frágil, mas sua jovialidade. Por ser uma Ciência com pouca idade, ainda está em desenvolvimento, em construção, em fase de crescimento, no processo de consolidação e fortalecimento. E ao contrário do que se possa pensar, pode ajudar a fortalecer a Ciência da Informação, dando-lhe a visibilidade que merece junto com os demais campos científicos que passam a se reportar a ela (SATUR; SOUZA; DUARTE, 2015).

3 O CAMINHO PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: o desenvolvimento por meio da interdisciplinaridade

Para Pombo (2003), não há um consenso sobre o que é, efetivamente, interdisciplinaridade, pois quem a pratica não sabe ao certo, tampouco, quem a teoriza.

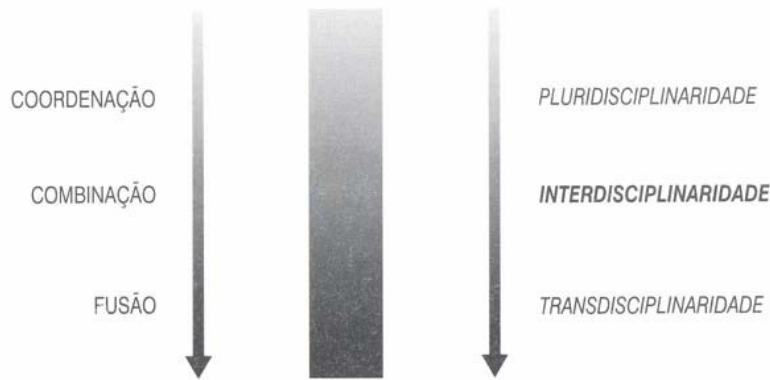
Não há um conceito estável, as definições são inúmeras e distintas, e o termo tem sido empregado excessivamente e com banalidade. A palavra, de certa forma, está gasta, porque, frequentemente, quando se reúnem três ou quatro profissionais de diferentes áreas para discutir superficialmente sobre algo, já se diz que isso é interdisciplinaridade. Por causa disso, alguns têm trocado o termo interdisciplinaridade por “integração dos saberes”, embora o problema seja o mesmo. Numa tentativa de harmonizar o conceito de interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, multi e pluridisciplinaridade, a autora apresenta uma proposta terminológica assentada em dois princípios fundamentais (POMBO, 2003):

- 1º) Concordar com a existência de três prefixos considerados como os três grandes horizontes de sentido: 1) *multi* ou *pluri*, 2) *inter* e 3) *trans*. Nesse caso, do ponto de vista etimológico, não se distingue o *pluri* do *multi*, mas dos outros dois grandes horizontes de sentido - *inter* e *trans*;
- 2º) Aceitar a existência de uma espécie de *continuum*, que é atravessado por algo que, em seu interior, vai crescendo e se desenvolvendo.

A autora entende que, se algo acontece de forma mínima, mas atua conjuntamente com algum tipo mínimo de **coordenação**, paralelamente aos seus pontos de vista, é *pluri* (ou *multi*) *disciplinaridade*. Mas, quando ultrapassa a dimensão do paralelismo e avança para uma **combinação**, uma convergência ou uma complementaridade, está no terreno intermediário e pode ser chamado de interdisciplinaridade. E quando se aproxima de tal maneira, que tende a um ponto de **fusão** e de unificação, a ponto de desaparecer a convergência e parecer algo novo e unificado, podemos, numa perspectiva holista, apontá-lo efetivamente como transdisciplinaridade. Essas “tais três palavras, todas da mesma família, devem ser pensadas num *continuum* que vai da coordenação à combinação e desta à fusão. [...] do paralelismo *pluridisciplinar* ao perspectivismo e convergência *interdisciplinar* e, desta, ao holismo e à unificação *transdisciplinar*.” (POMBO, 2003, p. 4-5).

Para reforçar a proposta de forma sintética, apresenta-se esta figura elaborada por Pombo (2003):

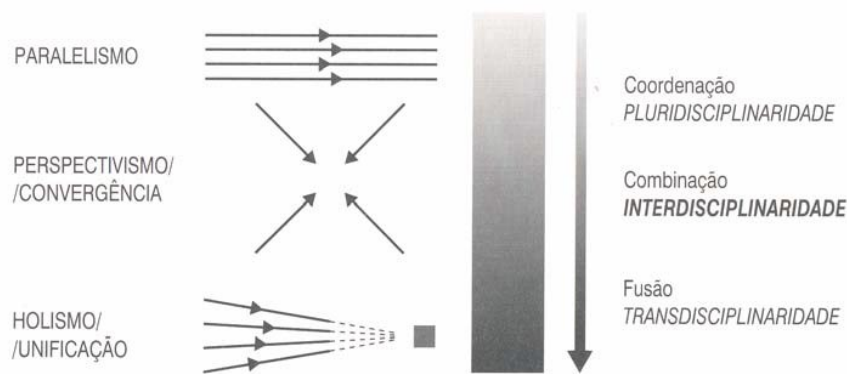
Figura 1 – Pluri, inter e transdisciplinaridade.



Fonte: Pombo (2003, p. 5).

Ainda nessa mesma perspectiva, didaticamente, a figura toma a forma que segue:

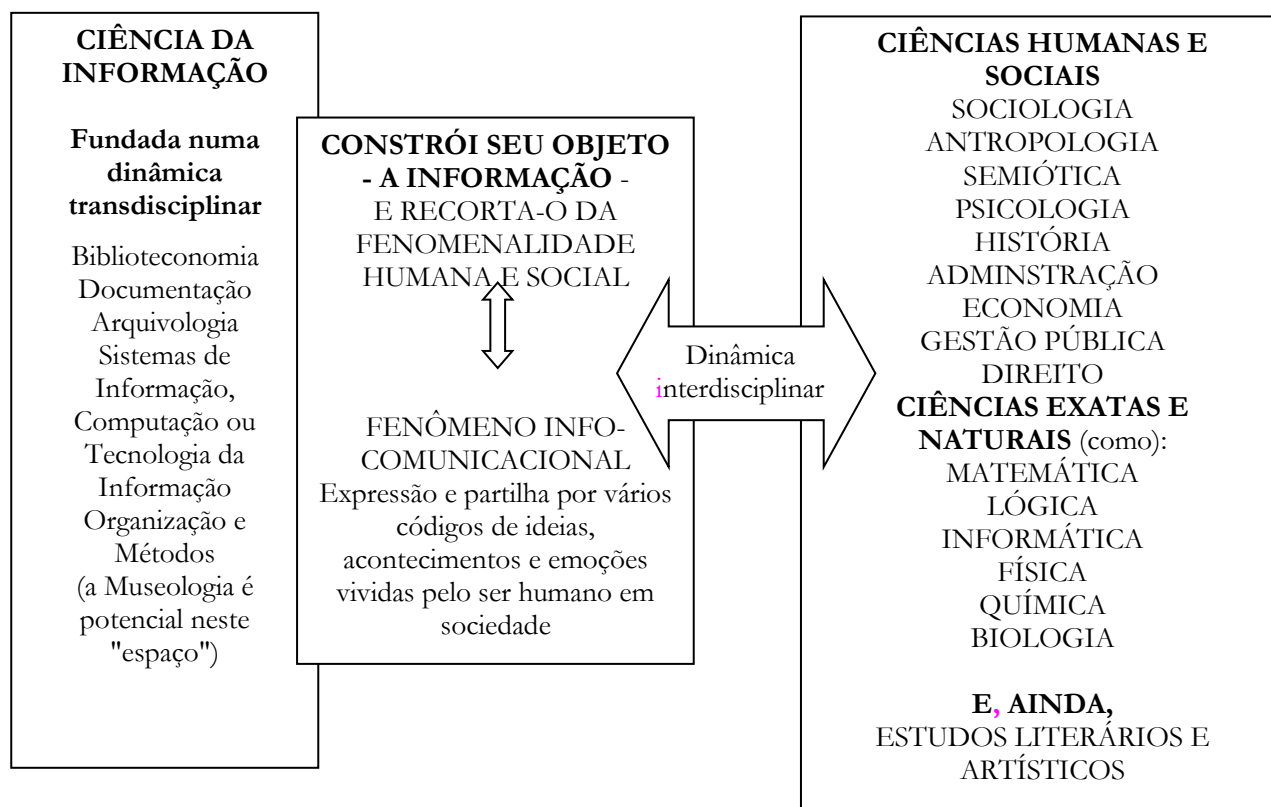
Figura 2 – Formas da pluri, da inter e da transdisciplinaridade.



Fonte: Pombo (2003, p. 5).

Essa apresentação didática é fundamental para se entender, por exemplo, que, quando vários profissionais de diversas áreas se reúnem para agir em conjunto, mediante uma coordenação, tem-se uma equipe pluri ou multidisciplinar, mas cada um exerce sua função naquele contexto, somando as atividades para atingir algo mais amplo. Quando o processo é interdisciplinar, entendem-se os vários olhares em um mesmo problema, com o fim de interagir e de se combinar para encontrar a melhor solução. E por fim, quando isso avança a ponto de se criar algo novo, fruto da interação, em que se faz uma fusão, que resulta em algo novo e híbrido, entende-se como transdisciplinar. Nesse caso, pode até surgir daí uma nova Ciência.

Silva (2006) apresenta uma proposta da construção trans e interdisciplinar da Ciência da Informação, que apresentamos na figura 3 (a seguir).

Figura 3 – Diagrama da construção trans e interdisciplinar da Ciência da Informação.

Fonte: Adaptado de Silva (2006, p. 28).

Como visto, a Ciência da Informação, mesmo jovem, já dialoga com as outras ciências. Segundo Rojas (2008, p.6), “la Ciencia de la Información posee esa identidad dentro del núcleo central de su programa de investigación científico; y desde ese núcleo se desprenden las diferentes relaciones con otras áreas del saber humano para poder estudiar su objeto de estudio”. Nessa mesma perspectiva, Mata (2010, p.129) afirma: “a Ciência da Informação surge como uma ciência interdisciplinar, com grande potencial de crescimento e de influência nas demais ciências, pois o seu objeto de pesquisa, a informação, é matéria-prima de todas as demais ciências e atividades humanas.” Satur, Souza e Duarte (2015, p. 13) concordam com essa afirmativa, quando referem que a Ciência da Informação

tem, em seu interior, o “canal” mais relevante e necessário para todas as áreas, e que todos precisam buscar: a informação e o trato dela. Assim, independentemente de ser grande ou pequeno, de ter um centro muito bem desenvolvido ou uma relação de fronteira, o que importa, efetivamente, é ser estratégico, estar no lugar mais adequado e de posse de um meio ou recursos de que todos necessitam. Assim como o canal é relevante para o Panamá se tornar estratégico no mundo, a informação, que é o objeto de estudo da Ciência da Informação, é importante para essa ciência se tornar estratégica junto com as demais.

Saracevic (1995, p. 1) também defende a interdisciplinaridade na área, ao dizer que “a Ciência da Informação é interdisciplinar por natureza, entretanto, as relações com as diversas disciplinas estão mudando. A evolução da interdisciplinaridade está longe de acabar.” Pombo (2003) refere que existe certa confusão sobre o que seja interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade. O problema não está no nome, em si, mas no conceito e no significado que partem dele, porque pode ser a mesma coisa com nomes diferentes ou coisas diferentes com o mesmo nome.

Sobre isso, é preciso optar pela denominação e esclarecer o que se quer dizer sobre tal nome. Pimenta (2008) aceita que um autor utilize a terminologia que considera mais adequada, desde que comece por explicitar o significado que lhe atribui, e opta pela referida dicotomia: a) disciplinaridade, para designar a decomposição do objeto científico e; b) especialização na formação do conhecimento científico; c) interdisciplinaridade, para indicar o movimento de articulação de disciplinas diferentes, visando à interpretação científica de dada realidade.

Como demonstrado, a interdisciplinaridade não enfraquece uma disciplina, mas auxilia a incluí-la no mundo científico. É por meio dela que uma Ciência pode participar de estudos conjuntos e dar sua contribuição. A “verdadeira interdisciplinaridade permitirá compreender o objeto da área em toda a sua complexidade”, o que equivale aos “diversos olhares” para somar com a resolução de uma questão específica. Portanto, ser interdisciplinar é buscar novas parcerias, visando fortalecer a disciplina. Caso não se faça estudos interdisciplinares, a disciplina ficará isolada do mundo científico, o que é inaceitável atualmente.

Evidentemente,

a Ciência da Informação é recente, se comparada com as ciências tradicionais, e está caminhando lentamente rumo ao desenvolvimento de suas teorias e fundamentações centrais. Parece que caminha mais rapidamente em sua relação interdisciplinar e integradora com as demais ciências. Mesmo que possa parecer contraditório, ser interdisciplinar, mesmo antes de ser desenvolvido internamente, pode ajudar no desenvolvimento interno. Para isso, basta não se esquecer de pensar em seu interior permanentemente. Poucas já conseguiram atingir esse patamar plenamente. Desenvolver-se no âmbito científico é um processo, e não parece ser diferente na Ciência da Informação. [...] dificilmente se poderia pensar sobre a reconstrução da Ciência da Informação sem suas áreas de fronteiras, sem sua interdisciplinaridade. (SATUR; SOUZA; DUARTE, 2015, p. 14).

Saracevic (1995, p. 3) justifica a interdisciplinaridade argumentando que compreender a informação e a comunicação, suas manifestações e seus efeitos no

comportamento humano e tornar mais acessível o confuso mundo do conhecimento assim como as iniciativas para criar soluções tecnológicas são questões que não podem ser resolvidas em uma única disciplina. O autor acrescenta que

a interdisciplinaridade, na Ciência da Informação, foi introduzida pelas diferentes experiências daqueles que procuram soluções para problemas. As muitas e diferentes experiências são moldadas tanto pela riqueza do campo como pelas dificuldades da comunicação e da educação. Certamente, nem todas as disciplinas têm uma contribuição igualmente relevante a dar, mas sua variedade é a responsável pela sustentação de uma característica fortemente interdisciplinar da ciência de informação. Não é preciso procurar por ela. Ela está lá. (SARACEVIC, 1995, p. 3).

Isso significa que a Ciência da Informação tem facilidade e interesse em compor uma integração interdisciplinar, fato que a torna também muito importante e útil para as demais ciências. Ainda sob a ótica da interdisciplinaridade, Saracevic (1995) afirma que a cooperação entre as áreas visa à corrida da informação. Afinal, ao abordar sobre as relações interdisciplinares que envolvem os campos que lidam com problemas informacionais, estão se alterando. Entende que há mais interdisciplinaridade em todos os esforços de pesquisa e desenvolvimento (P&D), da prática profissional aos negócios.

Em consequência disso tudo, a “explosão da comunicação”, exemplificada pela propagação da Internet e dos conceitos de infraestrutura global da informação, em vários campos, está se movimentando para trabalhar com a informação. Consequentemente, a competição na área dos serviços de informação está aumentando e provocando tensões e oportunidades para alianças. Para a Ciência de Informação, essas pressões promovem mais cooperação interdisciplinar (SARACEVIC, 1995).

As alianças estratégicas, a cooperação, o compartilhamento, a interação, as redes e a interdisciplinaridade parecem ser, definitivamente, as formas de fazer Ciência na pós-modernidade. Esse é um campo que deve avançar, e isso vale tanto para as áreas do conhecimento tradicionais quanto para as novas. Todavia tudo dependerá do nível de integração entre as disciplinas, da tradição de cada uma e de o quanto cada uma “empresta” à outra e absorve dela. Pimenta (2008) entende a interdisciplinaridade está presente nos processos de aproximação de saberes científicos que, até esse momento, encontravam-se separados e que esse processo de aproximação pode ter uma variabilidade que pode ir da simples convivência à utilização de uma pela outra, como por exemplo, da adoção comum de metodologias à fusão e à constituição de uma nova ciência.

Pimenta (2008) apresenta três níveis de aproximação interdisciplinar:

- a) o nível muito primário, em que o peso da disciplinaridade é muito grande e o da interdisciplinaridade, quase inexistente. Há, tão somente, uma troca de informações entre ciências diferentes;
- b) o segundo, em que uma Ciência aproveita as descobertas de outras e, de alguma forma, integra-as em seu objeto científico;
- c) o terceiro, de forte interdisciplinaridade, em que diversas ciências cujos objetos científicos se interceptavam contribuíram para construir um novo objeto científico de uma nova Ciência.

Portanto, Pimenta (2008, p.66-7) “considera que só é legítimo falar em interdisciplinaridade se existir um processo de aproximação de ciências diferentes e uma 'contaminação' de umas pelas outras, podendo até promover o surgimento de uma nova ciência”.

Ao se argumentar sobre interdisciplinaridade, não se está negando a disciplinaridade, mas avançando para além dela. A interdisciplinaridade utiliza “como referência essa mesma disciplinaridade. Não pode haver interdisciplinaridade sem a junção e a articulação de disciplinas diferentes, sem mudança de um modo de pensar, sentir e agir que têm na sua gênese as disciplinas científicas” (PIMENTA, 2008, p.65). Assim, a interdisciplinaridade é a continuação da construção do conhecimento disciplinar em um ambiente mais complexo, variado e ampliado.

Choo (2003) afirma que, ao se construir conhecimento, quer-se ampliar a variedade de informações, e isso implica também tentar encontrar soluções ou conceitos para o seu problema em outros campos do saber. Essa é, “quase sempre, uma pré-condição para as soluções criativas, enquanto atenuar a variedade de informações (como limitar a busca a um mercado selecionado) ajuda a concentrar os esforços de desenvolvimento” (CHOO, 2003, p. 409).

Segundo Kobashi e Tálamo (2003, p. 13), a interdisciplinaridade é “um processo dialógico que requer interpenetração metodológica e uma (meta) linguagem compartilhada. O conhecimento produzido distingue-se, nessa medida, do que existe nas disciplinas de origem”. O que era uma condição científica de uma disciplina vira

condições científicas de diversas outras que se entrecruzam. A partir disso, surge uma nova condição científica, que pode ser uma mistura de várias outras condições.

Pimenta (2008, p. 64) enuncia que o ambiente universitário é o local mais propício à interdisciplinaridade e o mais resistente. Para o autor, “as Universidades são, em muitos casos, os expoentes máximos de uma contradição entre o epistemológico e o institucional: em nenhum outro espaço social há tantas possibilidades de interdisciplinaridade e tantos obstáculos ao seu florescimento.” Isso porque, apesar de a universidade ser um espaço onde a pesquisa e o despertar científico devem estar sempre presentes, com o passar do tempo, certos cientistas, já consolidados em seu saber científico, tendem a se acomodar no campo de domínio já estabelecido. Mudar isso implica tirar deles o poder e o domínio de conhecimento estabelecido, portanto, nem sempre, é confortável ou agradável. Como ciência nova e que ainda precisa se desenvolver mais, a Ciência da Informação não deve negar nem refutar a interdisciplinaridade, tampouco esquecer sua centralidade científica. Na verdade, ela deve se desenvolver em três perspectivas ou elementos fundamentais- uma envolve a interdisciplinaridade - tais como:

1. Desenvolvimento de métodos para cada uma das suas perspectivas teóricas, reconhecendo o seu pluralismo;
2. Confronto entre conceitos, sejam eles originais ou tomados de empréstimo, estabelecendo a autonomia da sua linguagem e construindo, de fato, sua interdisciplinaridade;
3. Desenvolvimento de estratégias de uso e de mediação da informação. (TÁLAMO; SMIT, 2007, p. 54).

Agindo assim, a Ciência da Informação consolida, cada vez mais, aquela que é, originalmente, sua gênese científica: uma ciência humana e social, que está em processo de construção e fortalecimento. Para Araújo (2014, p.70-1), dentre as Ciências Humanas e Sociais, a Ciência da Informação convive com diferentes correntes e diferentes modelos teóricos, sem estabelecer monopólios de pensamento sobre o social ou sobre a realidade. E como também é considerada uma Ciência Humana e, portanto, tem características poliepistemológicas, consegue articular conhecimentos culturais e de significação, incluindo métodos de antropologia e de linguística. Na Ciência da Informação, o conhecimento ganha, além de tudo o que já foi relatado, outros conhecimentos:

um conhecimento metainformacional (relativo à regulação dos ciclos e fluxos de informação, com métodos da administração, gestão e política); e um conhecimento infraestrutural (relativo à dimensão técnica e tecnológica, que articula métodos da computação e da economia). É esse caráter poliepistemológico que permite a convivência de modos tão diferentes de produção de conhecimento, na medida em que funciona como um princípio articulador das diversidades. (ARAÚJO, 2014, p. 70-71).

Assim, entende-se que a interdisciplinaridade não deve ser vista como um problema para a Ciência da Informação, mas como algo que agrega uma importante característica para ela e dela. Nesse sentido, é uma ciência disciplinar, com espaço privilegiado, em que também se produz conhecimento interdisciplinar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou que as Ciências, na atualidade, têm a necessidade de ser interdisciplinares. E não seria diferente com a Ciência da Informação. Apesar de serem necessários o cuidado e a prudência com essa área do conhecimento, no tocante à sua centralidade teórica, por ser uma ciência nova, fica evidente que a interdisciplinaridade não prejudica seu desenvolvimento, ao contrário, ajuda a incluí-la nos demais campos científicos e a ser respeitada por eles.

Atualmente, quando a pós-modernidade começa a dar seus primeiros sinais – e um deles é exatamente o de que não há conhecimento absoluto, único ou puro – seria imprudente querer imaginar uma Ciência pura, forte, única e absoluta. As Ciências caminham para a integração e a colaboração entre os saberes, visando diminuir os vazios e as contradições entre eles e aumentar as possibilidades e as oportunidades. Nesse contexto, também se diminuem as certezas, devido ao fim do chamado conhecimento único e absoluto das áreas científicas.

A Ciência da Informação já nasceu nesses caminhos em direção à pós-modernidade, logo, nunca conseguirá ser pura, absoluta e única, será, cada vez mais, interdisciplinar e, conseqüentemente, mais forte e notável. Portanto, quem estuda e pesquisa no campo interdisciplinar e tem na Ciência da Informação uma parceira de seus estudos está contribuindo para visibilizá-la na Sociedade Científica como um todo e marcar seu espaço com as demais, com contribuições novas, que possam ser incorporadas pela Ciência da Informação e, evidentemente, contribuir para uma possível aquisição de conhecimentos novos nas regiões de fronteiras entre as ciências.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. A. Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 57-79, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/19120>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

BOURDIEU, P. O estúdio e seus bastidores. *In: _____. Sobre a televisão*. São Paulo: Editora Zhar, 1997. p.16-54.

CHOO, W. C. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significados, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Editora Senac, 2003.

KOBASHI, N. Y.; TÁLAMO, M. F. G. M. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**, Campinas, v. 15, edição especial, p. 7-21, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1458/1432>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MATA, M. L.; CASARIN, H. C. S. A formação do bibliotecário e a competência em informação: um olhar através das competências. *In: VALENTIN, M. L. P. (Org.). Gestão, mediação e uso da informação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. cap, 14, p. 301-218.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

PIMENTA, C. Contributos para a elaboração de uma tese interdisciplinar. **Ideação**: Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 63-77, 1º sem. 2008.

PINHEIRO, L. V. R. Ciência da Informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. *In: GONZÁLEZ DE GOMÉZ, M. N.; DILL ORRICO, E. G. Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento*. Natal: EdUFRN, 2006. p. 111-141. Disponível em: <<http://www.uff.br/ppgci/editais/lenavanialeituras.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2014.

POMBO, O. Epistemologia da interdisciplinaridade. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL, INTERDISCIPLINARIDADE, HUMANISMO, UNIVERSIDADE, 2003, Porto. Anais...* Porto, 2003. p. 1-29. Disponível em: <http://www.uesc.br/cpa/artigos/epistemologia_interdidciplinaridade.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2014.

RENDÓN ROJAS, M. Á. La Ciencia de la Información en el contexto de las Ciencias Sociales y Humanas: ontología, epistemología, metodología e interdisciplina.

DataGramZero: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/51091>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

SARACEVIC, T. Interdisciplinarity nature of information science. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 36-41, 1995. Tradução livre de Durval de Lara Filho. Pós-graduação em Ciência da Informação e Documentação – ECA/USP – 1º sem./2004, na disciplina: Formas de estruturação e mediação da informação institucionalizada, das Profas. Johanna W. Smit e Maria de Fátima M. Tálamo. Disponível em: <<http://www.uff.br/ppgci/editais/saracevicnatureza.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

SARACEVIC, T. Information Science. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 50, n. 12, p. 1051-1063, 1999.

SATUR, R. V.; NEVES, D. A.; DUARTE, E. N. Cognição, neuromarketing e neuroeconomia: entendendo as decisões dos atores baseadas em informações. *In*: XII CONGRESO ISKO ESPAÑA Y II CONGRESO ISKO ESPAPA-PORTUGAL, 19-20 de noviembre, 2015, Organización del conocimiento para sistemas de información abiertos. Murcia, Spain: Universidad de Murcia, 2015. Disponível em: <http://www.iskoiberico.org/wp-content/uploads/2015/11/225_Satur.pdf>. Acesso em 07 dez. 2015.

SATUR, R. V.; SOUZA, E. D.; DUARTE, E. N. O desenho do campo da Ciência da Informação e suas relações: a metáfora dos mapas. *In*: ENCUENTRO IBÉRICO EDICIC, 7., 2015, Madrid, Spain. Universidad Complutense de Madrid e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 16-17 de noviembre, 2015. **Desafíos y oportunidades de las Ciencias de la Información y Documentación en la era digital**. Disponível em: <http://edicic2015.org.es/ucmdocs/actas/art/161-Vilmar_metafora-mapas.pdf>. Acesso em 07 dez. 2015.

SOUZA, E. D. **A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação**: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar. 2011. 346 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-8P2JNH/epistemologia_interdisciplinar_edivanio.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01 jul. 2014.

SOUZA, E. D. Configurações do campo da Ciência da Informação: pluralismo epistemológico e descentração interdisciplinar. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 5, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewFile/63/104>>. Acesso em: 01 jul. 2014.

TÁLAMO, M. F. G. M.; SMIT, J. W. Ciência da Informação: pensamento informacional e integração disciplinar. **BJIS**, v. 1, n. 1, p. 33-57, jan./jun. 2007.

TRUJILLO FERRARI, Alfonso. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982. 318 p.

WEICK, K.E. Whattheory is not, theorizing is. **Administrative Science Quarterly**, v. 40, 1995, p. 385-390.

WHITE, H.D.; McCAIN, K.W. Visualizing a discipline: an author co-citation analysis of information science, 1972-1995. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 49, n. 4, p. 327-355, 1998.

SOBRE O AUTOR

Roberto Vilmar Satur

Professor do Departamento de Mediações Interculturais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
Doutor em Ciência da Informação.

E-mail: robertosatur@yahoo.com.br

Recebido em: 02/01/2018; **Aceito em:** 08/03/2018; **Revisado em:** 20/03/2018.

Como citar este artigo

SATUR, Roberto Vilmar. A pesquisa interdisciplinar na Ciência da Informação. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 9-25, jan./jun. 2018.